



5º Domingo depois de Pentecostes – (19.06.05) Próprio 7

1ª leitura: Jeremias 20.7-13

1º comentário - O sacerdote, presidente da casa do Senhor, Pasur, filho de Imer, incomodado com a pregação de Jeremias, prende-o no tronco para passar a noite ali. Quando Jeremias é solto prediz o cativo e a morte de Pasur em Babilônia.

Sofrendo angústia por causa da vergonha e escárnio lançado contra ele, o profeta Jeremias pensa em desistir. Entretanto algo mais forte que o impede de ficar calado. Ele sente dentro de si o imperativo da vocação, o chamado sublime de Deus, que muitas vezes é incompreendido aos olhos humanos.

A palavra de Deus é como um fogo ardente no coração do profeta. É como alguma coisa encravada dentro de si atingindo até os ossos. Interessante notarmos o versículo 7: "iludiste-me Ó Senhor e iludido fiquei." É quase impossível fugir do chamado de Deus, Ele, de maneira sublime nos "ilude" a ponto de optarmos por vivermos exclusivamente para proclamar sua glória e seu amor pela humanidade.

Vocação é coisa séria. Precisamos conhecer mais de perto esse Deus que nos chama (voca) e nos ensina a vivermos neste mundo.

Deixemos que Deus nos "iluda" e acenda em nós o fogo ardente de sua palavra. Sejamos seus mensageiros, à maneira de Jeremias, que se sentindo "iludido" por Deus, "iludido" se deixou ficar! (Rev. Haroldo Mendes)

2º. Comentário - Este trecho de Jeremias faz parte das lamentações e confissões do profeta. Ele viveu nos últimos dias do século VII a.C., quando o poder assírio entrou em desmoronamento e o império babilônico o substituiu dando expansão ao seu domínio. Judá se situava numa posição muito vulnerável entre o império assírio no norte e o egípcio no sul, cada qual procurando fazer de Judá seu vassalo. Nesse contexto, Jeremias é chamado a proclamar o senhorio de Deus sobre as nações, conforme 1.10. Foi agarrado por Deus para o ministério profético. A experiência disso está expressa num misto de confiança, queixa, dúvida, e sofrimento.

Para se ter noção do que sejam essas lamentações, convém ler os seguintes trechos: (1) 11.18-12.6. O profeta se vê repentinamente consciente de que seus vizinhos estavam planejando assassiná-lo. Como poderia Deus permitir tal coisa? E a resposta vem de Deus dizendo-lhe que maiores dificuldades virão, mas que Ele está com Jeremias. (2) 15.10-20. "Ai de mim! Por que minha mãe me deu luz! Por que não tive a oportunidade de estar em festa na companhia dos amigos? Deus forçou-me a ficar sozinho". A resposta divina é: "Eu estou com você". (3) 17.14-18; 18.18-23. As palavras contra os inimigos. (4) 20.1-6. (5) 20.14-18 Por que nasci?

Vs. 7 - É uma oração dirigida a Deus. O profeta confessa que Deus é irresistível e que ele foi arrastado, digamos assim, por Ele para ser profeta. O resultado disso foi sofrer a rejeição da família e amigos, viver cercado de conspirações contra sua vida, além de ser objeto de gozação por causa de sua fidelidade para com a palavra de Deus. Ele está praticamente dizendo que Deus é responsável pelo seu sofrimento.



Vs.8 - Foi mandado a falar contra Jerusalém por Deus e quando fala é acusado de dissidente violento, perturbador da ordem, acontecem campanhas de difamação contra ele. E, se calar, e ficar sossegado, a palavra de Deus arde dentro dele e é levado a cumprir a sua missão (vs.9).

Vs.11 - Das palavras amargas a oração do profeta passa para a afirmação de sua confiança em Deus: o Senhor está comigo. Trata-se de confiança na companhia de Deus em situações precaríssimas e conflitantes que se podem observar do Livro de Jeremias.

É importante observar que a oração de Jeremias expressou o desejo de ver os inimigos vingados, mas o externou diante de Deus e não quis fazer a vinganças com suas próprias mãos. Em poucas palavras, o Deus que "esquadrinha os afetos e o coração" é o juízo final. Nas palavras do salmista (139.24) "vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno", após ter externado: "aborreço-os com ódio consumado", com referência aos inimigos.

Tudo isso nos mostra que a fé não é uma atitude mental em que alguém diz: "eu creio e não deixo nenhuma dúvida, nenhum pensamento negativo, nenhuma crítica entrar na minha mente e alcanço o meu objetivo" A fé não é fechar-se em si mesmo em torno de uma idéia. A fé é a confiança numa relação com Deus, em sua companhia com outros. É a participação naquela única obediência, em quem o Sim de Deus se torna o nosso Amém. Jeremias nos ensina que a fé abarca dúvida e crítica e passa por elas para uma "ingenuidade" e ousadia após crítica e dúvida e reconhece-se cercada de vulnerabilidade e se compromete confiante com o Autor de nossa fé. (*Dom Sumio Takatsu*)

2ª leitura – Romanos 5.15b-19

A preocupação de Jeremias era a justiça de Deus e a obediência humana. Paulo vê numa só pessoa, Jesus Cristo, a constituição da nova humanidade, por viver a obediência (v.19), desfazendo a desobediência que pesa sobre toda a humanidade. Ele vê a "velha" humanidade representada pelo primeiro Adão e a nova humanidade, pelo segundo Adão. A nova humanidade foi inaugurada por Cristo dentro da velha humanidade. Essa nova humanidade é a invasão, intervenção (ato divino da graça), por parte de Deus nos tempos finais, segundo o linguajar dos apocalípticos.

É importante observar que as pessoas são vistas sob o ângulo da concepção humana de "solidariedade", "rede", vínculos, e não como indivíduos isolados. "Ninguém é uma ilha". Isso não enfraquece a responsabilidade de cada pessoa diante de Deus e de outros. É a visão bíblica que, em Adão, todos estão debaixo da separação com Deus em inimidade (pecado) e conseqüente morte. É um lembrete de que "todos carecem da glória de Deus", (3.23; 3.9ss.).

Cristo é o libertador do pecado e da morte. A comparação entre Adão e Cristo é assimétrica. Pois Cristo, ato da graça, tem supremacia em relação ao "regime" da escravidão do pecado e da morte inaugurada por Adão. A graça que é Deus em Cristo, que resulta em justificação de todos (ser contados dignos para a vida - lembremo-nos da frase "nos fizeste dignos de estar diante de Ti" (Livro de Oração Comum, p.76), em obediência para a vida está contrastada com a desobediência, condenação, e morte.



Então, a despeito de todo o pessimismo sobre a humanidade, o caminho inaugurado pelo novo Adão é mais esperançoso. É o tempo para participar dessa nova humanidade, discernindo aquelas coisas que promovem a compreensão uns dos outros, fortalecendo os laços comuns do ser humano com o perdão – a remoção dos obstáculos do entendimento – sem a imposição de uniformidade, ao contrário, abrindo os olhos para a diferença e trabalhando pela diversidade em comunhão. (*Dom Sumio Takatsu*)

Santo Evangelho: Mateus 10(16-23) 24-33

Essa perícopa, dirigida inicialmente aos apóstolos, anunciava que o destino que os aguardava não seria diferente daquele do mestre: perseguição e martírio. Por isso Jesus recomenda como virtudes, a prudência e cautela das serpentes e a simplicidade das pombas.

Aqui há ecos dos relatos da paixão de Cristo. A redação certamente é posterior ao ano 70. Fala de perseguições, de interrogatórios “diante de reis e governadores” tal como Jesus. Tudo indica que o redator estava justificando o que os discípulos já estavam passando na época em que a redação foi concluída. Essa justificativa é encontrada no fato de serem fiéis a Cristo. Se ele passou por tudo isso, seus seguidores também não estariam isentos de tais problemas.

Além disso, o versículo 17 traz “sinédrios” (“tribunais”) no plural. Não se trata aqui do Grande Sinédrio de Jerusalém, pois esse já havia sido destruído à época da redação final. Esses são os pequenos sinédrios localizados em cidades onde havia sinagogas. Eram formados de vinte e três pessoas escolhidas dentre os frequentadores da sinagoga e adquiriram grande importância após a destruição do Grande Sinédrio de Jerusalém.

A idéia do martírio também está presente. Na época da redação já havia vários mártires cristãos, desde Estevão. É importante lembrar dos discursos de Pedro e João perante o Sinédrio e de Estevão perante seus algozes. Mesmo em situações adversas, sempre há a oportunidade do testemunho. Principalmente se a motivação maior é a justiça do Reino.

Os vers. 26 e 27 recorrem a um dito popular, alterando-o. A idéia básica é a ênfase na missão da Igreja: chegou a hora de proclamar a todos o que até então Jesus revelara em segredo. Anunciar a boa nova da justiça do Reino de modo mais abrangente possível (eirados ou telhados, plataformas, lugares altos, de onde muita gente poderia ouvir o que estava sendo anunciado)

v. 28 - Fala em “psykhé” (alma). Mas não se trata aqui de uma realidade dissociada do corpo, e sim do princípio que mantém a pessoa em relação com Deus.

v. 29 a 31 - Mostra que Deus não está indiferente ao martírio e morte dos seus discípulos. A figura dos “cabelos contados por Deus” é uma hipérbole para realçar que Deus está atento às nossas menores preocupações. Se há pessoas que morrem devido ao testemunho de Cristo, deve ficar claro que sua morte não é fortuita ou sem significado.

Finalmente, a perícopa encerra com o pacto do testemunho: Quem o confessar diante dos homens, receberá de Cristo o mesmo bom testemunho diante do Pai. É um



versículo que pode ser ligado ao tema da confirmação ou da renovação dos votos batismais.

Novamente, vale a pena perguntar: o que aconteceu com os discípulos de Cristo que antes causavam tantas perturbações aos poderosos? Por que hoje, ao invés de perseguidos, muitos se tornam perseguidores, acusadores e condenadores? (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)